

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História dos Animais: Fontes, Temas e Problemas

Esta é a primeira e a única especialidade em doces especialidades em doces para casamentos, baptizara casamentos, baptizados e banquetes. E' osados e banquetes. E' a unica depositaria da afaunica depositaria da afaunica Guarana Espumantada Guarana Espumantada e do excellento choro e do excellento choro. Laeta, fabricados em Laeta, fabricados em S. Paulo pelos Srs. ZOS. Paulo pelos Srs. ZOS. Loureiro & Capotta Loureiro & Capotta. A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira.





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora: Isabela Fernandes Andrade Vice-Reitora: Ursula Rosa da Silva Chefe de Gabinete: Rafael Eicholz Rutz Pró-Reitora de Ensino: Maria de Fátima Cossio Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: Flávio Fernando Demarco Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Eraldo dos Santos Pinheiro Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Paulo Roberto Ferreira Júnior Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Rosane Maria dos Santos Brandão Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Taís Ullrich Fonseca Superintendente do Campus Capão do Leão: Gilberto D'Ávila Vargas Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: Julio Carlos Balzano de Mattos

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR) Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Jucimara Baldissarelli e

Zayanna Christina Lopes Lindoso Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro Representantes da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEl)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Prof^a Dr^a Isabel Drummond Braga (Universidade de Lisboa) | Prof. Dr. Rafael Afonso Gonçalves (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Zacharias Wagner (1614-1668) - Tamanduá-açu (ilustração).

Pareceristas ad hoc:

Ana Carolina de Carvalho Viotti, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Marília)
André Ulysses De Salis, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)
Ângela Domingues (Universidade de Lisboa)
Gabriel Elycio Maia Braga, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)
Gabriel Ferreira Gurian, Universidade de São Paulo (USP)
Gabriel Lopes, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
Janaina Salvador Cardoso, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Franca)
Jeferson dos Santos Mendes, Universidade Federal do Amapá
Paulo Drummond Braga (Universidade Aberta Centro de Estudos Globais, Portugal)
Ricardo Pessa de Oliveira (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, Portugal)
Rodolfo Nogueira Cruz, Centro Universitário Barão de Mauá
Teresa Sousa Nunes (Universidade Nova de Lisboa)
Waslan Sabóia Araújo, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Franca)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2025/1

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEl/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História dos Animais : Fontes, Temas e Problemas) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.1, jan. 2025. – Pelotas: UFPel/NDH, 2025 – 185 p. ; 5,30 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Animais 3. Fontes

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
PRESENTATION	
HUMANOS E OUTROS ANIMAIS NO PORTUGAL MEDIEVO: ARTICULAÇÃO E SOLUÇÕES DE UM PROJECTO CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR	10
HUMANS AND OTHER ANIMALS IN MEDIEVAL PORTUGAL: ARTICULATION AND SOLUTIONS OF A MULTIDICLIPLINARY SCIENTIFIC PROJECT	
Tiago Viúla de Faria	
OS TATUS COMO OBJETOS DO CONHECIMENTO NATURAL (SÉCULOS XVI-XVIII)	33
ARMADILLOS AS OBJECTS OF NATURAL KNOWLEDGE (16TH-18TH CENTURIES)	
Rebeca Capozzi	
AS TRABALHADORAS DA PROVÍNCIA: A EXPLORAÇÃO DE TARTARUGAS DA AMAZÔNIA (<i>PODOCNEMIS EXPANSA</i>), NA PROVÍNCIA DO AMAZONAS, DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	53
THE WORKERS OF THE PROVINCE: THE EXPLOITATION OF AMAZON TURTLES (<i>PODOCNEMIS EXPANSA</i>), IN THE PROVINCE OF AMAZONAS, DURING THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY	
Robert Alves Pinho	
NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA: A SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS (1875-1890)	73
BIRTH AND AFFIRMATION OF A PORTUGUESE INSTITUTION: THE SOCIETY FOR THE PROTECTION OF ANIMALS (1875-1890)	
Paulo Drumond Braga	

- UMA BREVE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE O SER HUMANO E A ONÇA PINTADA NO BIOMA PANTANAL** 88
 A BRIEF HISTORY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN HUMANS AND JAGUARS IN THE PANTANAL BIOME
 Fabiano Quadros Rückert
- OS VEGETARIANOS UTÓPICOS E A DEFESA DOS ANIMAIS EM PORTUGAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX** 110
 PORTUGUESE UTOPIAN VEGETARIANS IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY
 Isabel Drumond Braga
- SOB AS RÉDEAS DO NAZISMO: OS CAVALOS LIPIZZANERS E O IDEÁRIO DE PUREZA RACIAL** 126
 UNDER THE REINS OF NAZISM: THE LIPIZZAN HORSES AND THE IDEOLOGY OF RACIAL PURITY
 Daniely Santos Ramos Costa | Lucas Matheus Araujo Bicalho | Ester Liberato Pereira
- HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA** 140
 HISTORY OF MATHEMATICS TEACHER TRAINING IN THE SOUTH OF RIO GRANDE DO SUL: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW
 Mélangy Silva dos Santos | Lavinia Schwantes
- “O QUE OS OLHOS NÃO VÊM O CORAÇÃO NÃO TEME”: O HOSPITAL COLÔNIA GETÚLIO VARGAS E OS DISCURSOS DE COMBATE A LEPROSA NA PARAÍBA (1930-1941)** 156
 “WHAT THE EYES DO NOT SEE, THE HEART DOES NOT FEAR”: THE HOSPITAL COLÔNIA GETÚLIO VARGAS AND THE SPEECHES TO COMBAT LEPROSY IN PARAÍBA (1930-1941)
 Alexandro dos Santos | Laís Vasconcelos Santos
- OS POSITIVISTAS RELIGIOSOS BRASILEIROS E OS ANIMAIS (1902)** 177
 BRAZILIAN RELIGIOUS POSITIVISTS AND ANIMALS (1902)
 Paulo Pezat

INSTRUMENTO DE TRABALHO

OS POSITIVISTAS RELIGIOSOS BRASILEIROS E OS ANIMAIS (1902)

BRAZILIAN RELIGIOUS POSITIVISTS AND ANIMALS (1902)

Paulo Pezat ¹

A partir de sua fundação, em 1881, a Igreja e Apostolado Positivista do Brasil desenvolveu uma intensa atividade editorial visando difundir no país as obras de Auguste Comte (1798-1857), de Pierre Laffitte (1823-1903), de Jorge Lagarrigue (1854-1894) e de outros expoentes da Religião da Humanidade em âmbito mundial, além, é claro, de divulgar os escritos de autoria de Miguel Lemos (1854-1917) e de Raymundo Teixeira Mendes (1855-1927), respectivamente o diretor e o vice-diretor da entidade².

Os temas abordados pelos positivistas ortodoxos brasileiros em suas publicações foram extremamente variados: da imigração chinesa à proposta de criação de uma universidade no Rio de Janeiro; da persistência da escravidão no Brasil à questão de seus limites com os países vizinhos; das formas de tratamento da loucura à previdência dos funcionários públicos; da obrigatoriedade do ensino à secularização dos cemitérios; da incorporação do proletariado na sociedade moderna à proposta de uma nova normatização da língua portuguesa; da defesa de um modelo republicano ditatorial à proteção das populações indígenas. Enfim, é difícil encontrar algum debate relevante travado pela opinião pública através dos veículos impressos e pelos parlamentares do Império e da Primeira República no Congresso Nacional no qual os adeptos brasileiros do positivismo religioso não tenham tentado interferir, propondo a adoção de propostas formuladas ou pretensamente inspiradas por Auguste Comte³.

Dentre a infinidade de assuntos tratados pelos positivistas ortodoxos brasileiros em suas publicações ao longo dos primeiros anos da República, um, em especial, se destacou: a questão da saúde pública e a determinação das autoridades sanitárias da capital da República

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (paulo.pezat@gmail.com).

² A atividade editorial dos primeiros cinquenta anos de existência da entidade se acha condensada em APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL. *Catálogo das publicações*. Rio de Janeiro: Igreja Pozitivista do Brazil, 1932.

³ O Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas dispõe em seu acervo de uma coleção substancial destas publicações, contabilizando 241 títulos publicados no Rio de Janeiro e em Porto Alegre ao longo da última década do Império e de toda a Primeira República, listados em PEZAT, Paulo. "Publicações da Igreja Positivista do Brasil pertencentes ao acervo do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel". In: *História em Revista* (UFPel), Pelotas, v. 12-13, p. 249-265, 2007.

no sentido de que a população fosse obrigatoriamente vacinada contra a varíola⁴, o que acabou motivando, em novembro de 1904, a chamada “revolta da vacina”⁵. Tais publicações, em sua maioria, eram de autoria dos apóstolos positivistas Miguel Lemos e Raymundo Teixeira Mendes, bem como do confrade Joaquim Bagueira do Carmo Leal (1859-1942), médico militar que esteve no Rio Grande do Sul durante a Revolução Federalista acompanhando as forças do exército nacional que foram enviadas para lutar ao lado do governo castilhistas contra os federalistas⁶.

Embora os positivistas ortodoxos cultuassem a razão e a ciência, entendiam que o poder público não deveria impor como oficial determinada teoria. Na perspectiva deles, assim como não deveria haver uma religião oficial adotada pelo poder público – daí a crítica ao regime do padroado –, também não deveria existir uma ciência oficial, ficando a deliberação acerca de tais aspectos no âmbito da liberdade individual de escolha. Tal perspectiva, amparada em Auguste Comte, já vinha sendo defendida pelos positivistas religiosos brasileiros desde o final do período imperial, quando Teixeira Mendes publicou o folheto *A liberdade espiritual e a vacinação obrigatória* (1888).

Ainda no tocante ao tema da saúde, outra interessante publicação da Igreja e Apostolado Positivista é o folheto *Pozitivismo e vegetarianismo* (1902), de autoria de Miguel Lemos. No referido folheto, o então líder dos positivistas religiosos brasileiros assim indicava sua preocupação acerca do tema da alimentação:

Levado a considerar especialmente o assunto, movido sobretudo pela comparação com outras religiões, e impressionado com o crescente movimento, tanto prático como científico, do vegetarianismo moderno, não tardei em sentir de um modo irresistível a superioridade moral de um regimen do qual fosse escludida toda espécie de carne, de maneira a suprimir totalmente o cruel sacrificio dos nossos companheiros animais, tão alevantados pela nossa doutrina⁷.

Em seguida, na mesma publicação, Miguel Lemos relatou as tentativas que empreendeu no sentido de abolir o consumo de carne em sua alimentação nos anos de 1888, 1892 e, finalmente, a partir de 9 de setembro de 1901, experiência essa que ainda estava em

⁴ Um conjunto de mais de quarenta folhetos positivistas sobre questões envolvendo o tema da saúde foi digitalizado e analisado em GILL, Lorena & PEZAT, Paulo (orgs.). *As publicações dos positivistas religiosos brasileiros sobre questões médico-sanitárias (1885-1927)*. 1ª ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2008. v. 1. 900p.

⁵ Sobre o tema ver também SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina – mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984; e CARVALHO, José Murilo de. “Cidadãos ativos: a revolta da vacina”. In: _____. *Os bestializados – o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 91-139.

⁶ Sobre Joaquim Bagueira Leal e sua passagem pelo Rio Grande do Sul, ver PEZAT, Paulo. “A revolução federalista na perspectiva de um médico positivista: cartas do Dr. Bagueira Leal a Miguel Lemos e a Teixeira Mendes. In: História em Revista (UFPel), Pelotas, v. 9, p. 135-173, 2003.

⁷ LEMOS, Miguel. *Pozitivismo e vegetarianismo*. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brazil, 1902 (folheto nº 213).

curso no momento em que publicou o folheto em questão, destacando que percebia vantagens morais e físicas em consumir “alimentação vegetal, acompanhada ou não acessóriamente de óvos, leite e seus derivados” (LEMOS, 1902, p. 4).

Não se sabe ao certo como terminou essa terceira tentativa de Miguel Lemos no sentido de desenvolver uma alimentação baseada sobretudo em vegetais, com a exclusão de carne de sua dieta. O certo é que em 11 de maio de 1903, na data do vigésimo-segundo aniversário de criação da entidade, ele se afastou da direção da Igreja Positivista do Brasil por motivo de saúde, embora só tenha vindo a falecer em 1917.

Um outro folheto editado pelos positivistas religiosos brasileiros que se vincula com o tema do relacionamento entre humanos e outras espécies do reino animal é de autoria de Joaquim Bagueira Leal, que em agosto de 1902 publicou *O Positivismo e os Animais – carta ao Dr. Eduardo Berdoe, editor do Zoophilist, de Londres*, texto que mais abaixo será reproduzido.

A referida publicação possui 12,2 cm de largura por 19 cm de altura e conta com 16 páginas, sendo que as duas últimas apresentam títulos de outras publicações editadas pela Igreja Positivista do Brasil. O folheto foi impresso na tipografia existente no próprio Templo da Humanidade, sede da instituição, situado na rua Benjamin Constant nº 30 (atual nº 74), no bairro Glória, Rio de Janeiro. O preço para venda, indicado ao pé da capa, era de 500 réis.

Trata-se da tradução feita pelo próprio Bagueira Leal da carta em francês que escreveu e enviou ao Dr. Edouard Collis Berdoe (1836-1916) em 14 de março de 1902 (ou 14 de Aristóteles de 114, de acordo com o calendário positivista e conforme indicado entre parênteses logo após a referência à data do calendário gregoriano corrente).

Médico formado pelo Royal London Hospital, o Dr. Berdoe foi um ativista contra a utilização em experimentos desenvolvidos em hospitais universitários de pacientes pobres que não tinham condições de pagar por tratamento privado. Mas o que despertou a atenção do Dr. Bagueira Leal foi a atuação do Dr. Berdoe na National Anti-Vivisection Society, entidade londrina criada em 1875 que combatia a utilização de animais em experimentos científicos nos quais os mesmos eram cortados ainda vivos para que se observasse o funcionamento dos órgãos corporais. O engajamento contra a vivissecção levou à criação da revista *The Zoophilist*, da qual o Dr. Berdoe se tornou editor e em cujo número de fevereiro de 1902 é feita menção à obra de Bagueira Leal intitulada *O despotismo sanitário perante a medicina*. No ano de 1903, Edward Berdoe publicou *A catechism of vivisection*⁸, embora nesta obra não seja feita menção à carta que Bagueira Leal lhe enviou em março de 1902 e nem às suas outras intervenções acerca do tema.

A seguir transcrevo na íntegra a carta do médico militar do exército brasileiro Joaquim Bagueira Leal ao Dr. Berdoe, publicada sob o nº 212 no *Catálogo das Publicações* da Igreja Positivista do Brasil. A ortografia original foi respeitada⁹.

⁸ BERDOE, Edward. *A catechism of vivisection – the whole controversy argued in all its details*. London: Swan Sonnenschein & Co., 1903.

⁹ Sobre a ortografia adotada pelos positivistas, ver os folhetos *Ortografia positivista* (nº 58) e *La question de la reforme*

N. 212

APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O amor por princípio, e a ordem por base;
o progresso por fim.

Viver para outrem.

Viver às claras.

O Positivismo e os Animais

Carta ao Dr. Eduardo Berdoe,
Editor do *Zoophilist*, de Londres

por

Joaquim Bagueira Leal
Major-Médico do Exército Brasileiro

Rio de Janeiro
Na sede central da Igreja Positivista do Brazil
Templo da Humanidade
30, rua Benjamin Constant, 30
Agosto de 1902
Ano CXIV da Revolução Franceza e XLVIII da Era Normal

Preço : 500 rs.

O POZITIVISMO E OS ANIMAIS

Carta ao Dr. Eduardo Berdoe, editor do *Zoophilist*, de Londres

(Traduzido do francês pelo autor)

Rio de Janeiro, 17 de Aristóteles de 114 (14 de Março de 1902).

Senhor.

Venho agradecer-vos a notícia que tivésteis a bondade de dar sobre o meu opúsculo *O desportismo sanitário perante a medicina*, no número de Fevereiro deste ano do *Zoophilist*, p. 233. Dissésteis a esse respeito que nenhuma objecção tinha eu apresentado contra a vivissecção. É verdade que eu não me ocupei desse assunto de um módo preponderante, mas meu livro não está inteiramente desprovido de espressões condenatórias de tão ignóbil prática, como podeis ver na pág. 38, que contem este trecho:

“Eles (os microbistas) dispõem aliás de um meio infalível de confundir os incrédulos: é provar que o bacilo produs a moléstia nos animais. Para isso eles cultivão os micróbios e injétão as culturas em animais pequeninos. Já temos dito quanto é difícil fazer diagnóstico no homem; imagine-se agóra nesses pequenos organismos, principalmente apresentando eles sempre os mesmos fenômenos depois das injeções (v. pág. 26). Éssa moléstia de sintomas, sempre os mesmos, eles chãmo fébre amaréla, péste, varíola, confórme precisão. E não lhes ocorre que éla póssa ser produzida pelos líquidos da cultura e não pelos micro-organismos...” Em baixo da página disse eu em nóta: “O Positivismo condena as vivissecções e as esperiências em animais. Entre os que as condênão fóra do Positivismo sobresaí o grande cirurgião Lawson-Tait, que fêz disso uma questão capital de sua vida”.

Conféssco que éssas palavras são poucas e que esse grande assunto merecia muito mais. Numa edição franceza, que estou preparando, procurarei preencher ésta lacuna.

Por agóra, apenas dezejo mostrar-vos a maneira por que o Positivismo encara os animais. Para isso nada mais farei do que transcrever alguns trechos de Augusto Comte a esse respeito; mas, como eles são numerózos, transcreverei sómente alguns dos mais característicos.

Para os positivistas, o homem não difére dos outros animais sinão por um desenvolvimento mais considerável das mesmas faculdades físicas, intellectuais e morais. “Apezar dos preconceitos teológico-metafísicos que erigem éstas faculdades (*a contemplação e a meditação*) em privilégio esclusivo de nóssa raça, ambas ezistem cértamente, em graus divérsos de

inferioridade, na milhór parte do reino animal. Porquanto élas são aí, do mesmo módo que para nós, mais ou menos necessárias à vida pessoal, doméstica, e sobretudo social, não só nos carnívoros, mas também entre os herbívoros. As necessidades nutritivas, as relações sexuais, e os cuidados com os filhos, sucítão neles diáriamente muitas observações e reflexões, desconhecidas demais por nósso tolo orgulho. Néssas divérsas próvas habituais, muitos animais móstrão-se mais inventivos que a maior parte dos letrados que os desdênhão, em nome de uma instrução que se reduz quázi sempre, segundo o grande Molière, a saber o que os outros disseram antes deles. Não é sómente pela ternura e pela corágem, mas também pela sagacidade e pela previdência, que uma desgraçada rapoza se móstra muitas vezes superior ao tropel aristocrático lançado contra éla." (Augusto Comte, *Politique Positive*, I, 717). O Positivismo considéra como voluntária a parte que cabe aos animais na evolução humana. "Atribuimos sobretudo esse grande rezultado ao felis concurso da astúcia com a força, que nos submeteu primeiro cértos animais, cujos descendentes são hereditáriamente diciplinados. Óra, ésta apreciação banal, inspirada pela segura e pela ignorância monoteicas, não é menos frívola que ingrata. Éla esquece que a associação fica eminentemente voluntária em toda espécie verdadeiramente útil; e que a aliança primitiva foi sempre devida principalmente aos costumes fraternais que o fetichismo fês prevalecer para com os animais. Basta reconhecer aqui que, si o cavalo e o cão quizéssem, mesmo hoje, subtrair-se à dominação humana, difícilmente poderíamos fazê-los voltar ao jugo. Por mais fórte razão, o livre assentimento destes eminentes aussiliares foi indispensável à sua primitiva domesticação.

"Éssa preciózã aliança, fonte real de nósos principais sucéssos práticos, tanto militares como industriais, foi espontâneamente instituída pelos costumes fetíchicos, que são os mais próprios de todos para fazer as espécies sociáveis saboreárem a doçura e a utilidade de semelhante união." (*Ibidem*, III, 105.)

Por conseguinte, a Religião da Humanidade não poderia deixar de estigmatizar com energia toda crueldade para com os animais. "Esses ministros inferiores da Humanidade serão tratados pela moral positiva de conformidade com os mesmos princípios por que são tratados os órgãos principais, apreciando sempre, além do ofício efetivo, o valor próprio, físico, intelectual, e sobretudo afetivo. A dedicação dos fórtes aos fracos déve estender-se até os menóres seres sucetíveis de simpatizar com as nósas afeições e de concorrer para os nósos trabalhos. Sem éssa plenitude normal, o sentimento moral não poderia adquirir, mesmo para conosco, toda a energia que o seu destino ordinário exige. Numa natureza tão dispósta como a nossa à preponderância do egoísmo, os atos de crueldade e os hábitos de indiferença para com os animais nos espõem sempre a uma inteira desmoralização, como o presentirão dignamente nósos mais antigos instituidores." (*Ibidem*, I, 615.)

Óra, entre éssas crueldades áchão-se as vivissecções, que merecerão de nósso Mestre uma condenação especial. "Não menos salutar ao espírito do que ao coração, a diciplina sintética (dos estudos) desviará de substituir abusivamente os animais aos homens (nos estudos biológicos), o sacerdócio sociocrático devendo ser mais disposto que o sacerdócio teocrático a sempre fazer respeitar os nósos aussiliares." (*Ibidem*, IV, 225.)

As vivisseções constituem o mais completo exercício do instinto destruidor. Para sentir todo o alcance desta consideração, convem recordar que se desenvolve assim a crueldade, a indiferença pelos sofrimentos e pela vida de outrem, justamente nas pessoas cuja profissão exige mais bondade, e cujo destino é aliviar os sofrimentos e conservar as vidas.*

Mas não é unicamente debaixo do ponto de vista moral que o Positivismo condena as vivisseções; ele as repêe também sob o aspecto intelectual, em virtude da impossibilidade de instituir em biologia uma verdadeira experiência, isto é, *uma comparação entre dois casos que só difiram pelo fenómeno que se quer estudar*. Ora, as vivisseções se erigem em rigorosa aplicação do método experimental, quando na realidade elas não passam da mais lamentável irrisão desse processo lógico.

Eis o que diz o nosso Mestre sobre o emprego desse método em biologia: “O mesmo grau moderado de complicação objetiva que coloca o berço natural do espírito indutivo na física faz surgir também aí o método experimental, que formou seu principal caráter até o surto da filozofia biológica. Para com os fenómenos imodificáveis, esse processo é evidentemente impossível, e a extrema simplicidade deles o torna aliás supérfluo: seu equivalente mental nunca serve neles senão para verificar sem descobrir. Por outro lado, si os fenómenos são complicados demais, suas modificações, naturais ou artificiais, tornam-se de tal modo variadas que *raramente* se poderá instituir neles uma experimentação decisiva. Porque esta exige sempre *a comparação de dois casos que não apresentem nenhuma outra diferença, direta ou indireta, senão a que se refere à influência por esse modo estudada*. Ora, essa suficiente conformidade é quase sempre impossível fora da existência inorgânica, e já ela se realiza dificilmente, mesmo no caso químico. Assim, pois, é à *física só* que convem o surto normal da experimentação, que constitui o principal recurso dessa ciência.” (*Ibidem*, I, 519.)

“Os outros estudos cosmológicos devem também tornar-lhes familiar (aos biólogos) a elaboração primitiva do método indutivo, quer pela observação direta, quer mesmo pela experimentação. Contudo, este segundo modo não convem plenamente senão às pesquisas inorgânicas, e sobretudo físicas, pelos motivos lembrados no capítulo precedente. *A complicação dos casos biológicos não permite quase nunca instituir neles experiências verdadeiramente decisivas*. Também o uso demaziado frequente de tal processo, *que proporciona sucessos passageiros, mas fáceis, à mediocridade*, tem notavelmente contribuído para a degeneração atual da ciência

* Não se pôde imaginar até que ponto tem ido a monstrosidade nos suplícios que os chamados homens de ciência têm infligido aos animais. Fica-se tranzido de horror ao ler os seguintes trabalhos que as descrevem: Lawson-Tait, *The uselessness of vivisection as a method of scientific research*. New edition, with notes. Frances Cobbe, *Lumière dans les ténèbres*, trad. do inglês por Jules Scholl, 1884. Dr. Metzger, *La vivisection est-elle une science?*, 1889; *La vivisection, ses dangers et ses crimes*, 1891. Dr. Paul Combes, *La rage des rues et la rage de laboratoire*, 1887. Dr. Charles Bell, fisiologista de nome, *Pour-quoi suis-je l'adversaire de la vivisection?*, trad. do inglês por Lindsay. Dr. Berdoe, *The futility of experiments with drugs on animals*, Londres, 1899. Dr. Thornton, cirurgião-general do exército inglês, *The principals claims on behalf of vivisection*, 1901. Estes trabalhos demonstram ao mesmo tempo, de modo a não deixar a mínima dúvida, que tais atrocidades nenhum resultado benéfico têm trazido para a ciência e para a Humanidade, e que, pelo contrário, tem sido sempre funesta toda prática médica que nelas se baseia. (Nota introduzida nesta tradução.)

vital. Apesar disso, não deve a biologia renunciar inteiramente a um meio de exploração que, sábiamente aplicado, pôde algumas vezes ajudar em seu domínio as sans meditações, sem nunca poder dispensá-las.

“Aqui, a aptidão dessa ciência a aperfeiçoar radicalmente o método indutivo fás-se já sentir pela introdução natural de um novo módo geral de experimentação, cuja espontaneidade aumenta a eficácia. A judicióza observação das doenças institui, para com os seres vivos, uma série de experiências, muito mais próprias que a maior parte das experiências diréttas para esclarecer as noções dinâmicas e mesmo estáticas. Meu Tratado filosófico fês bastante apreciar a natureza a o alcance de tal processo, donde emãão realmente as principais aquisições biológicas. Ele repouza sobre o grande princípio cuja descubérta eu devi atribuir a Broussais, porque rezulta do conjunto de seus trabalhos, ainda que só eu tenha construído sua fórmula geral diréttta. O estado patológico éra até então referido a leis diferentes das que régem o estado normal: de sórtte que a exploração de um nada podia decidir para o outro. Broussais estabeleceu que os fenômenos da doença coincidem essencialmente com os da saúde, dos quais nunca diférem sinão pela intensidade. Esse luminoso princípio tornou-se a baze sistemática da patologia, que fica assim subordinada ao conjunto da biologia. Sendo aplicado em sentido invérso, ele esplica e aperfeiçoa a alta aptidão da análise patológica para esclarecer as especulações biológicas. Um uzo mais estenso e mais bem aprofundado deste poderoso meio de exploração poderá dispensar quázi inteiramente experiências propriamente ditas. É assim, por ezemplo, que a observação das doenças deveria ter conduzido à importante distinção entre os nervos sensitivos e os nervos motores, muito tempo antes das *cruéis torturas* que constatarão dirétttamente sua realidade anatômica.” (*Ibidem*, I, 651.)*

Si, por um lado, o Positivismo condena todas as maldades para com os animais, mesmo quando elas têm como pretexto o desenvolvimento da ciência e a saúde da espécie humana, por outro lado ele élva esses úteis colaboradores dos homens à digna posição de elementos reais da Suprema Ezistência. “Não se pôde bem conceber a constituição do Gran-Ser (a Humanidade) sinão combinando nossa espécie com todas as raças suscetíveis de adotar a diviza comum das almas superiores: *Viver para óutrem*. Sem tal complemento, a síntese positiva não poderia instituir suficientemente a liga contínua das atividades voluntárias contra as necessidades modificáveis. Desde o fim da idade fetíchica, a religião provizória tornou-se cada vês mais incapás de consagrar ésta coligação, cuja eficácia contudo se tem cada vês mais desenvolvido. Só o Positivismo podia sistematiza-la, incorporando ao Gran-Ser todos os nossos livres aussiliares animais, ao mesmo tempo que afasta indignos parasitas humanos. Ainda que o serviço neles tórne-se indiréttto, por ser duplamente individual, sem nenhum sentimento de sua reação coletiva, ele fica contudo voluntário, e é quanto basta para motivar a adjunção.” (*Ibidem*, IV, 37.)

“Toda útil cooperação habitual nos destinos humanos, quando se ezérce voluntariamente,

* Magendie sacrificou oito mil cães no estudo deste problema, rezolvido antes por Ch. Bell sem nenhuma vivisseccão. V. Metzger, *La vivisection, ses dangers et ses crimes*, p. 7. (Nóta introduzida nesta tradução.)

erige o ser correspondente em elemento real d'essa existência compôsta, com um grau de importância proporcionado à dignidade da espécie e à eficácia do indivíduo. Para apreciar esse indispensável complemento, não temos mais que supor que ele nos falte. Não se hezita então em considerar tais cavalos, cães, bois, etc., como mais estimáveis do que certos homens." (Catéchisme Positiviste, éd. Apostolique, p. 66.)

E a Religião da Humanidade, tão apta para instituir um sistema universal de glorificação, em vista de seu espírito de relatividade, que não lhe permite omitir benefício algum, qualquér que seja a origem, não poderia esquecer na sua adoração os imensos serviços prestados pelos companheiros dos homens, tão precíozos quanto dedicados, tão benfazejos quanto resignados. Eis porque no calendário abstrato organizado por Augusto Comte para o culto público do futuro, um dia do ano é destinado à celebração da Festa dos Animais.

Eis aí, senhor, o que eu tinha a vos dizer, e que vos peço para transmitir aos vossos leitores. Eles ficarão satisfeitos de conhecer este apoio da cauza que defêdem. Acrescentarei, para terminar, que nésta questão nós pensamos como o cirurgião General Thornton: "Nenhum benefício material póde compensar o mal moral, e nunca póde ser corrêto praticar o mal donde o bem póssa provir. A cura da doença, o alívio da dor, e a prolongação da vida, são de menór importância para a espécie humana do que a cultura dos sentimentos de justiça, piedade e humanidade".*

Aceitai, senhor, as minhas saudações fraternais.

Dr. Joaquim Bagueira Leal,
Majór-Médico do Ezército Brasileiro,

Membro da Igreja Pozitivista do Brazil

* "No material benefits can compensate for moral evil, nor can it ever be right to do evil that good may come. The cure of disease, the relief of pain, and the prolongation of life, are of less importance to the human race than the cultivation of sentiments of justice, mercy and humanity".